

MARIA LÊDA LÓSS DOS SANTOS

LINGUAGENS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Monografia apresentada para obtenção do título de Especialista em Educação a Distância no Curso de Especialização para Professores em Educação a Distância, Núcleo de Educação a Distância, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Msc. Roberto de Fino Bentes

CURITIBA

2002

“...o processo de modernização, ao mesmo tempo que nos explora e nos atormenta, nos impele a apreender e a enfrentar o mundo que a modernização constrói e a lutar por torná-lo o nosso mundo.”

Marshal Berman

SUMÁRIO

RESUMO.....	I
INTRODUÇÃO.....	1
I - AS LINGUAGENS NA EAD - FUNÇÕES, CARACTERÍSTICAS E ADEQUAÇÃO....	4
1.1 - Linguagens, conceitos e significados na EAD.....	7
1.2 - As funções da linguagem nos textos de EAD.....	10
1.3 - Características da linguagem na EAD.....	11
II - A LINGUAGEM DA EAD EM <i>MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS</i> E EM <i>ILHA DAS FLORES</i>	14
2.1 - Estratégias e funções da linguagem em <i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>	14
2.2 - Estratégias e funções da linguagem em <i>Ilha das Flores</i>	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
BIBLIOGRAFIA.....	24

RESUMO

A linguagem é um fator decisivo para que o processo de ensino-aprendizagem se efetive na Educação a Distância - EAD. Com o objetivo de desmistificar a linguagem da EAD, resgatando suas características em textos já existentes e a partir do conceito de linguagem numa abordagem vygotyskiana, bem como do levantamento das características e das funções de linguagem que se considera significativas na EAD, propôs-se a análise de dois textos: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis e *Ilha das Flores*, filme, curta-metragem, de Jorge Furtado. No texto de Machado, percebeu-se como característica fundamental para a EAD, a interlocução que o autor estabelece com o leitor, com a presença marcante das funções fática, conativa e emotiva. O texto de Furtado tem como característica básica de linguagem adequada à EAD, as relações conceituais através de janelas explicativas. Ambos os textos possuem uma atualidade como linguagem de EAD, dando lições comunicativas para que a relação ensinante/aprendente se efetive.

Palavras-chave: Linguagens - funções de linguagem

INTRODUÇÃO

A Educação a Distância - EAD - não é um elemento novo, uma vez que desde a antigüidade existiram iniciativas de comunicação entre pessoas geograficamente separadas. Na modernidade, a intenção de ensinar saberes a quem não está fisicamente presente consolidou a Educação a Distância como processo organizado e intencional, utilizando especialmente a comunicação escrita. No entanto, com os avanços tecnológicos e com o advento da sociedade da informação, novos meios de comunicação e novos elementos foram surgindo, fazendo com que a EAD adquirisse, nos últimos tempos, características totalmente inovadoras. Assim, caminhos ainda não percorridos se abrem, envolvendo tanto questões metodológicas, quanto estruturais, quanto recursos comunicacionais.

A utilização de novas formas de comunicação estimula a difusão da EAD mas, também, requer formas diferenciadas e criativas capazes de atender à demanda com qualidade, de forma a não transformar essa modalidade de ensino numa mera "automatização do ensino".

No Brasil, a EAD vem se consolidando em razão da necessidade de a educação atingir, cada vez mais, a totalidade da população no sentido de buscar a educação para todos. A EAD vem fazendo parte do cotidiano da sociedade como um todo e constitui modalidade importante na democratização das oportunidades de educação inicial e continuada. Tais oportunidades são significativas por permitirem a possibilidade de acesso, minimizando os entraves geográficos, em vista da distância ou do isolamento de contingentes populacionais em relação aos centros de estudos nas modalidades presenciais e por possibilitarem o atendimento a uma demanda que, apesar de geograficamente próxima, se sente impossibilitada de freqüentar as modalidades presenciais por questões de trabalho, de incompatibilidade de horário, por questões de saúde ou de outros

impedimentos. No entanto, o grande desafio é preservar a qualidade do processo ensino-aprendizagem em que ensinantes e aprendentes estão separados.

Nesse processo comunicacional, tanto nas relações individuais quanto grupais, a linguagem, como elemento catalizador da comunicação, merece especial atenção pois, apesar de todos os avanços da sociedade do conhecimento, nada substitui a capacidade humana da comunicação. Um dos entraves nesse processo tem sido, desde a invenção da escrita, a comunicação verbal escrita eficiente. Atualmente, ao lado da dificuldade de comunicação através da escrita, outras linguagens se somam a essa, num processo crescente em que linguagens múltiplas requerem a mesma eficiência..

Logo, a Educação a Distância - EAD - (e suas linguagens), é um elemento do mundo pós-moderno e o presente trabalho pretendeu iniciar uma discussão sobre a linguagem utilizada, propondo a ressignificação e o resgate de textos já existentes, que serão tão significativos quanto as novas linguagens criadas especialmente para as novas mídias e para os novos processos comunicacionais.

Por isso propôs-se como tema para este trabalho monográfico, a análise de textos sob a ótica de sua possível adequação, tendo como objetivos: reconhecer as características da linguagem a ser utilizada nos textos da EAD; estudar a possibilidade de resgatar textos já existentes que se adequam à EAD; levantar possibilidades de ressignificação e recriação de linguagens tendo em vista o cumprimento à finalidade de comunicação eficiente na EAD; indicar aos usuários, professores, tutores e alunos, funções e características da linguagem e sua adequação a essa modalidade de educação.

Partindo-se do questionamento sobre a existência ou não de uma linguagem específica de EAD, que cumpra o seu papel de bem comunicar e de aproximar texto/leitor, rompendo com a distância e solidão do estudante, levanta-se a possibilidade de pré-existência de textos formais ou do cotidiano que podem ser utilizadas na EAD.

A metodologia do trabalho respaldou-se na pesquisa bibliográfica e na análise qualitativa - análise de conteúdo - de dois textos: um em linguagem verbal escrita e outro audiovisual, através do que se procurou comprovar a hipótese de que existem textos já

culturalmente reconhecidos (clássicos), que dão conta de aspectos da linguagem da EAD. Pesquisou-se as funções e as características da linguagem e analisou-se textos cuja linguagem se julgou adequada à EAD, mas que não foram elaborados especificamente para essa modalidade.

A proposta inicial previa analisar textos de acordo com as seguintes categorias: textos em linguagem verbal escrita, textos audiovisuais e textos auditivos. No entanto, no redimensionamento dessa proposta inicial, optou-se pela análise de dois textos, um de cada categoria, onde foram levantadas em pesquisa bibliográfica, as características da linguagem em EAD, procurando sua presença ou não nos textos selecionados.

O trabalho, além da Introdução e das Considerações Finais foi dividido em dois capítulos.

O primeiro capítulo procura situar a EAD no contexto atual, apontando as funções e as características da linguagem, abordando o seu papel no processo de comunicação a distância. É dada atenção especial à questão da dialogicidade.

O segundo capítulo analisa as características da linguagem da EAD presentes na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis e no filme *Ilha das Flores* de Jorge Furtado.

A proposição deste trabalho é analisar e apontar linguagens adequadas e eficientes na Educação a Distância, de forma a se proporcionar uma educação que almeje a autonomia dos sujeitos, a fim de que possam circular com desenvoltura neste mundo globalizado, onde essa modalidade constitui uma saída para a educação continuada. Pretende-se assim, desmistificar a linguagem da EAD.

I - AS LINGUAGENS NA EAD - FUNÇÕES, CARACTERÍSTICAS E ADEQUAÇÃO

O poeta faz linguagem, fazendo poema.
Está sempre criando e recriando a linguagem.
Vale dizer: está sempre criando o mundo.
Décio Pignatari

Na modernidade, a intenção de ensinar saberes, trocar informações, registrar a história, intensificou o processo de comunicação escrita. No entanto, com os avanços tecnológicos e com o advento da sociedade da informação, novos meios de comunicação e novos elementos foram surgindo. A utilização de novas formas de comunicação não elimina a velha capacidade de comunicação escrita, que requer, cada vez mais, o desenvolvimento de competências específicas.

Ao lado disso, novas formas de comunicação emergem, adequando-se aos novos recursos. Novas tecnologias; novas formas de relação. No entanto, nada pode substituir a antiga e fundamental forma que dá ao homem a sua condição de ser homem e que é o instrumento essencial das relações entre os humanos: a linguagem. Na Educação a Distância, surgem novas tecnologias, redimensionam-se suas finalidades, mas a linguagem continua a ocupar o espaço primordial de instrumento básico de relações e, segundo a concepção vygotskyana, de produção de pensamento.

A Educação a Distância já foi considerada educação de segunda categoria, tanto que, conforme Azevêdo, "... a linguagem e o formato dos programas de EAD através do rádio e da televisão, mostravam que eles estavam dirigidos ao "andar de baixo" da sociedade, era para os excluídos. A EaD era coisa de pobre..." (1999, p. 1).

Com o advento das novas tecnologias de comunicação e informação e com a dinamicidade do mundo capitalista e sua conseqüente corrida pelo saber, a EAD adquire novo *status* social, sendo agora destinada "à atualização de conhecimentos e à formação

continuada". Perde então o seu caráter de "suplência" para ser uma forma de educação pós-moderna, globalizada.

Também as relações pedagógicas se alteram: professor e aluno passam da condição de ensinante - aprendente para uma relação ensinante - ensinante ou aprendente - aprendente, estabelecendo relações e interações sociais em outra dimensão: a dimensão virtual e a dimensão do pensar. A relação face-a-face é substituída pela relação do intelecto, adquirindo relevância o aprender sozinho.

Esse processo consolida a concepção do *aprender a aprender* e da educação continuada *ao longo de toda a vida*, garantindo a apropriação e a construção do saber e, sobretudo, o desenvolvimento da comunicação escrita através de diferentes modalidades de produção textual e da linguagem, com ênfase a determinadas características que privilegiam a relação a distância.

A EAD, em decorrência das novas formas de relações entre as pessoas do mundo globalizado, vem ganhando adeptos em todo o mundo. No Brasil, a LDB, Lei 9394/96, abre a possibilidade de a EAD vir a constituir elemento do sistema Nacional de Ensino e, a partir disso, novas regularizações vêm ocorrendo, delimitando espaços, formas de expansão, condições de ofertas. Percebe-se uma disseminação da oferta: Segundo Garcia (1998), apesar de a legislação, especialmente a LDB, abrir possibilidades de "educar a distância", há resistências em diferentes setores da sociedade. No entanto, salienta-se que a EAD não pode ser pensada apenas como um meio econômico de se produzir educação, pois sua implantação requer investimentos em termos de preparação de recursos humanos e em tecnologias adequadas, inclusive de estudos sobre metodologias compatíveis, como é o caso da linguagem.

A Educação à Distância e, de resto, o uso da tecnologia e de suas linguagens, encontra inúmeros desafios em termos de acesso e sucesso. Dentre esses, destacam-se:

- 1 - A superação do mito da tecnologia decorrente do "medo", do desconhecimento, ou da falta de domínio de linguagens específicas.

O choque entre o simples e o complexo, entre o cotidiano e o diferente, entre o conhecido e o desconhecido, constitui o grande drama dessas sociedades periféricas, que se embatem na busca da percepção e do entendimento de um mundo inusitado, demasiado avançado para o seu tempo.

A utilização da tecnologia é fator de desenvolvimento humano, quando o homem sabe como utilizá-la. Quando não o consegue, quando se julga incapaz de fazê-lo, quando a sente inacessível, a tecnologia e os sistemas tecnológicos tornam-se um drama e, na concepção de Benjamin, isso constitui o "trauma da modernidade" (Santos, 1997, p.5).

2 - O distanciamento e a "frieza" entre os sistemas ensinantes e aprendentes com a separação entre professores e alunos, os "pacotes pré-preparados", a possibilidade de uma ação reprodutora por parte do estudante, a dificuldade do "aprender sozinho", a descontextualização das propostas, a "solidão" no processo de aprendizagem.

3 - A falta de consciência sobre a inevitabilidade da tecnologia, uma vez que sua integração ao dia a dia é fato consumado.

Surge aí a grande dicotomia estranhamento X cotidianeidade, evidenciados nos terminais de agências bancárias, por exemplo, quando é comum as pessoas não conseguirem manobrá-los, ou na programação do rádio-relógio, ou no programa da máquina de lavar roupas. É justamente por estarem no cotidiano das pessoas comuns que o drama da inacessibilidade e do não saber se instala. (Santos, 1997, p. 6)

São outros jeitos de fazer e de dizer as coisas. São outros canais de entendimento entre as pessoas. Como dizer o que se quer dizer? Como usar a linguagem verbal escrita em outros canais e com outros instrumentos de comunicação? Existem jeitos de dizer diferenciados nesses diferentes canais de comunicação? Ou os jeitos são os mesmos e apenas os recursos são diferentes?

4 - A falta de conhecimento sobre as relações que podem (ou não) decorrer da Educação a Distância e sobre os benefícios que pode (ou não) decorrer do seu uso. Segundo Belloni, "... as tecnologias não são boas (ou más) em si, podem trazer grandes contribuições para a educação se forem usadas adequadamente, ou apenas fornecer um revestimento moderno a um ensino antigo e inadequado" (1999, p.104). Assim, também a linguagem: é a mesma com roupagem diferente? Existe uma nova linguagem para a Educação a Distância?

5 - A dificuldade na busca da interação nos processos educativos, entendendo-se interação como processo: é uma ação dialética de ir e vir, ultrapassando o superficial. Ou seja, para haver a interação é necessário que dois ou mais sujeitos desse processo estabeleçam conexões no nível do pensar. Este é um processo diferente da interatividade que constitui a relação do sujeito com a máquina. De que forma a linguagem, através da máquina pode ser interacionista e não simplesmente interativa?

A linguagem constitui poderoso instrumento de mediação pedagógica nos sistemas de Educação à Distância.

Entendemos por mediação pedagógica o tratamento de conteúdos e das formas de expressão dos diferentes temas, a fim de tornar possível o ato educativo dentro do horizonte de uma educação concebida como participação, criatividade, expressividade e racionalidade (Gutierrez & Prieto, 1994, p. 62).

Segundo o autor, a interlocução só é possível devido à existência da linguagem como instrumento de comunicação.

1.1 - Linguagem - conceitos e significados na EAD

A linguagem constitui o elo fundamental para estabelecer relações entre os homens e, do ponto de vista antropológico, constitui a gênese da concepção de homem que interage e que o torna um ser social.

Conforme Bram (1968), a linguagem é o veículo para a interação social, possibilitando as relações dos homens entre si e entre os homens e as coisas. É também a linguagem que conecta o homem ao passado, ao presente e ao futuro, ao real e ao imaginário, ao concreto e ao virtual, ao próximo (presente) e ao distante. A linguagem, em suas diferentes manifestações, possibilita ao homem a sua condição de homem.

Vygotsky(1998), considera a linguagem e, em especial a fala humana, como o protótipo da mediação entre os homens. A linguagem é um sistema de símbolos que

caracteriza o humano, e que é decorrente do processo de interação social dos indivíduos. Esse sistema simbólico, construído arbitrariamente, garante as relações entre os sujeitos que partilham desse sistema de representação da realidade. Aponta a linguagem como responsável pelo processo de comunicação entre os humanos. Percebe as relações entre pensamento e linguagem, sugerindo que o "pensar" seria uma espécie de linguagem não verbalizada, ou seja, o pensamento é feito de "palavras mudas". Logo, a linguagem por ser a forma de materialização do pensamento é também a síntese do humano.

Rego (1995), afirma que a linguagem é, segundo Vygotsky, responsável por três aspectos fundamentais no processo psíquico: permite lidar com os objetos exteriores mesmo quando eles estão ausentes; possibilita um processo de generalização e de abstração; possui uma função comunicativa capaz de garantir a transmissão, preservação e assimilação das experiências acumuladas ao longo do processo sócio-histórico. Assim, a possibilidade de assimilação e de relações do sistema de representações simbólicas garante um processo diacrônico da linguagem, permitindo a ressignificação.

Outro aspecto presente em Vygotsky (1989), e que apresenta contribuições à ressignificação da linguagem na EAD, é o fato de o cérebro humano ir adaptando suas funções psíquicas às novas necessidades. Isto, não que dizer que o cérebro humano tenha que criar novas estruturas físicas, novas células. No entanto, essa capacidade torna o cérebro "um órgão de civilização", que vai criando mecanismos e novos "entendimentos", de acordo com as necessidades que vão se apresentando. Neste sentido, considera-se que, diante de novas necessidades, como a de comunicar-se e de interagir à distância, por exemplo, linguagens e textos que em outros momentos tinham outras funções, podem, hoje, adequar-se à interlocução eficiente nos processos de comunicação à distância.

A linguagem é constituída de uma teia de significados expressivos, lingüísticos e sócio-culturais, e na sua concepção moderna, adquire uma multiplicidade que passa pelos cinco sentidos, além da linguagem verbal, oral ou escrita. Existe também a linguagem visual (imagética), auditiva, tátil, olfativa.

A linguagem constitui sistemas de signos compostos de significante e significado. O significado carrega em si, a marca cultural. Segundo Possari, "Os significados habitavam o

mundo antes de se transformarem em signos; portanto, havia linguagem. Linguagem precede a comunicação e esta, por sua vez, possibilita a primeira. Ambas garantem o processo de interlocução e de interação" (2001 p. 106).

O processo de comunicação se produz através das linguagens, as quais compõem textos. Por outro lado, a linguagem se torna eficiente quando possibilita o discurso (discursare - discorrer, fluir) : "A pior coisa que pode acontecer a um discurso é ele não discorrer" (Gutiérrez & Prieto, 1998, p. 71). No entanto, para "entender" o discurso é necessário lê-lo; é necessário ser leitor. Leitor, na concepção de Freire (1992), é aquele que atribui sentido e significados ao próprio mundo, uma vez que texto, constitui uma "metáfora de mundo".

Leitor, por sua vez, não é simplesmente aquele que decodifica letras e palavras, mas é, sobretudo, aquele que interpreta as múltiplas linguagens da vida moderna. Segundo Santos (1998), ler é produzir sentidos para o texto escrito, para os textos dos meios de comunicação, para os textos visuais, para os textos orais, para os textos do silêncio... Por outro lado, na relação autor/texto/ leitor, a produção de significados é prerrogativa do leitor. O processo de produção de significados para os textos veiculados na EAD, a "leitura" desses textos, exigem uma linguagem que dê conta das novas relações que se produzem entre o ensinante e o aprendente..

Nessa teia de relações os sujeitos produzem sentidos para o texto. O produtor do texto tem uma intenção e o leitor a interpreta, produzindo seus próprios sentidos para esse mesmo texto. A linguagem é o que garante a mediação autor/texto/leitor. Daí a sua relevância num processo de comunicação em que autor (professor de EAD) e leitor (aluno de EAD) estão distantes. Neste caso, a linguagem em si tem de cumprir o papel de comunicar com eficiência.

1.2 - As funções da linguagem nos textos de EAD

A linguagem não é um processo mecânico que simplesmente cumpre um papel de transmitir mensagens¹. Ao contrário, nessa transmissão de mensagens, torna-se viva, dinâmica, de acordo com a função que pretende desempenhar. Essas funções, por sua vez, não são elementos estanques, isolados. Elas se intercambiam e se auxiliam mutuamente, embora possa ocorrer predominância de uma ou de outra, de acordo com o fim a que se destina.

Conforme Chalhoub (2001), as funções da linguagem são: função referencial; função emotiva, função conativa, função fática, função poética e função metalinguística. Para o presente estudo, julgam-se importantes a função conativa, a emotiva e a fática.

Função conativa é aquela orientada para o destinatário. O termo origina-se do latim *conatum*, que "significa tentar influenciar alguém através de um esforço"(2001. p. 22). Estabelece-se através da persuasão, especialmente na linguagem da propaganda e pela sedução, cujo grande representante na Literatura é Machado de Assis, conforme ver-se-á no segundo capítulo deste trabalho. Seduzir, interpelar, exortar, sensibilizar, são recursos da função conativa da linguagem. Considera-se que a função conativa é importante na linguagem da EAD, por colocar o leitor dentro do texto.

A função fática é aquela que procura interpelar o interlocutor para testar a eficiência dos recursos que estão sendo utilizados na interlocução. Na linguagem do cotidiano, principalmente na fala esse processo é comumente usado com os chamados "tiques" de fala : "certo?", "entende?"... Uma possibilidade fática é o uso de diferentes canais para testar o entendimento do texto. Por exemplo: após um texto escrito, apresentar um texto visual com a mesma mensagem. É o caso também de um mesmo texto representado em seu plano de expressão por diferentes linguagens. A faticidade é uma possibilidade de interlocução e de avaliação da eficiência da linguagem na EAD.

A função emotiva caracteriza-se pela ligação da sensibilidade do autor e do leitor. Embora seja uma linguagem característica da arte, é importante para estabelecer o elo de

interlocução do pensamento dos participantes com o processo de comunicação. Segundo Chalhub (2001), na função emotiva o autor deixa claro a intenção do seu dizer, usando recursos de linguagem que revelam sua subjetividade: o que pensa, o que sente, o que gosta. Nesse dizer diferente é presente o estético, o novo, o original.

1.3 - Características da linguagem na EAD

A linguagem na EAD, adquire relevância porque cumpre o papel de estabelecer a interlocução e a dialogicidade de forma virtual, até hipotética.

A forma da linguagem é a responsável pela transposição didática do saber. Ou seja é através do uso adequado da linguagem que o saber científico se transforma em saber a ensinar. No presente caso, o uso adequado da linguagem, constitui o elemento fundamental para que o saber científico se transforme e adquira o *status* de saber apreendido.

Segundo Gutierrez e Prieto (1994), a linguagem é responsável pela mediação pedagógica, que acontece, principalmente por meio de textos. Logo, o texto a ser utilizado na EAD deve ter características específicas. Tais características centram-se em três formas de tratamento: com base no tema, com base na aprendizagem e com base na forma.

O tratamento com base no tema, salienta as estratégias de linguagem que destaca a narratividade ou fluência narrativa como favorecedora da interlocução. Esse *saber narrar* "significa ter a capacidade de tornar atrativo um discurso pelas estratégias de linguagem postas em jogo"(Gutierrez & Prieto, 1999, p. 71). Destacam-se pontos importantes como o que trata da capacidade da linguagem de dizer o que diz com clareza, simplicidade e beleza, em estilo coloquial (tom de conversa), preservando a relação dialógica, a personalização e a presença do narrador.

¹ Segundo Chalhub (2001), o modelo de comunicação sustenta-se nos fatores: emissor, receptor, canal, código, referente, mensagem. Podem se chamar também falante, ouvinte/ destinatário, assunto.

O estilo coloquial é aquele que aproxima o texto da linguagem oral. Apóia-se portanto, na fala e essa cotidianidade aproxima o leitor do autor.

A ação dialógica, para Benincá (2000), é um princípio da prática pedagógica em que se possibilita as manifestações recíprocas das pessoas através da palavra. Isso ocorre quando as pessoas se põem em confronto, o que desencadeia a revelação interior, o desvelar-se. Neste sentido, o texto não presencial, no qual os interlocutores estão separados carece de recursos que estimulem a relação virtual. Só um texto aberto, com espaços vazados, com entrelinhas, características do texto literário, atende a prerrogativa da dialogicidade. Isto implica que o texto da EAD, que é em geral, um texto científico, adquira nuances do texto literário. Eis a contradição. Este é o grande desafio da linguagem na Educação a Distância. Ou seja, como tornar o ausente presente, como estabelecer um diálogo e um debate quase "telepático" que possibilite a interlocução. Afirma-se aqui, a capacidade do autor do texto de EAD, de inferir hipóteses discursivas de seus interlocutores e destes entre si. Logo, para o sucesso da mediação pedagógica, é imprescindível que o autor do texto de EAD tenha a capacidade de fazer inferências sobre as reações do outro e sobre os conhecimentos prévios do outro.

A personalização consiste em tornar presente no texto o interlocutor, é chamá-lo para dentro do texto. Existem inúmeros recursos para que isso ocorra, como, por exemplo, o emprego de pronomes pessoais e possessivos. Com isso, estabelece-se uma relação de empatia.

Ainda segundo Gutiérrez e Prieto, a presença criteriosa de um narrador vivo, presente no texto, constitui característica importante no texto de EAD, não sendo possível o narrador onisciente, "que diz tudo e não deixa nenhum espaço de reflexão aos destinatários" (1999, p. 74). Outro aspecto importante é a clareza e a simplicidade que consiste em definir expressões, em "traduzir" conceitos em possibilitar relações. Significa, enfim descomplicar. Para isso contribuem os períodos curtos e diretos.

No entanto as características acima não eximem a beleza da expressão, pois "... não há que se ter medo de utilizar uma linguagem rica em expressões" (Gutierrez e Prieto,

1999, p. 75). Um discurso pode ser expressivo com as palavras do cotidiano. Belo não significa afetado e retórico.

Ainda, como última característica de linguagem elencada para este trabalho, salienta-se o ritmo do texto. Ou seja, a existência de uma harmonia, que não pode, porém, ser relacionada com monotonia, pois como num discurso oral, o mesmo tom cansa, satura. Portanto, ao lado do ritmo e da harmonia, faz-se necessária a ocorrência de "surpresas e rupturas" que enriquecem a ação dialógica do texto.

Tais características reafirmam as concepções de Vygotsky (1998), de que a linguagem é um processo que se desenvolve a partir da interação social. Por outro lado, essas características tão presentes no cotidiano dos textos rompem com uma construção simbólica e mítica da linguagem na EAD, que supõe exclusividade.

II - A LINGUAGEM DA EAD EM *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS* E EM *ILHA DAS FLORES*

É possível que a obra de Machado de Assis, escrita na segunda metade do século XIX, contenha elementos significativos da linguagem adequada à Educação a Distância, tão presente nos dias do século XXI? A linguagem do filme *Ilha das Flores*, curta-metragem produzido no final da década de 80 do século XX, com a finalidade de denúncia das condições sociais dos catadores de lixo de uma grande cidade, possui uma adequação intencional ou não, à EAD? Que características de linguagem de EAD apresenta?

Tentando responder a estas questões propõe-se a análise das características e das funções da linguagem presentes nesses textos, utilizando-se metodologias de análise de conteúdo².

2.1 - Estratégias e Funções de Linguagem em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

Memórias Póstumas de Brás Cubas (2001, 182 p.), obra da fase realista de Machado de Assis, é narrada em primeira pessoa - "um defunto que reconta sua própria vida". Foi publicada pela primeira vez no Rio de Janeiro em 1881. Além da ironia, peculiaridade de Machado, dentro de uma linha realista, a narrativa apresenta a também peculiar característica do autor de estabelecer uma interlocução com o leitor.

² Conforme Bardin (1977), a análise de conteúdo procura perceber o valor polissêmico de palavras e expressões, buscando inferir intenções que subjazem à realidade explícita do texto.

Essa interlocução é permeada pelas estratégias de linguagem e pelas funções percorridas no Capítulo I deste trabalho.

Já no início da obra, Machado, assumindo a pele do narrador, Brás Cubas, estabelecendo uma tênue linha entre o real e o imaginário, interconecta-se com o leitor: "A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote e adeus" (2001, p.13). Considera-se essa interconexão como um elemento dialógico, capaz de seduzir, de interpelar, de convencer. Um texto de EAD tem, também, que exercer essa sedução para que o aluno se conecte ao seu teor, para que se sinta seduzido a seguir a leitura, para que se sinta estimulado a prosseguir o estudo.

A **função conativa**, constituída também pela "arte de seduzir o leitor" através do convite à leitura, apresenta-se em diferentes momentos da obra de Machado:

"Há aí, entre as cinco ou dez pessoas que me lêem, há aí uma alma sensível que está decerto muito agastada com o capítulo anterior, começa a tremer pela sorte de Eugênia, e talvez... sim, talvez, lá no fundo de si mesma, me chame cínico. Eu cínico, alma sensível? (...) Não, alma sensível, eu não sou cínico, eu fui homem..." (2001, p. 62).

Como diz Chalhub, "... é o leitor incluso nas tramas e tecidos do texto (...) somos os leitores privilegiados, cinco ou dez leitores" (2001, p. 26), chamados a participar da narrativa, sentindo-se sujeitos dentro do texto. Estabelecer uma aliança democrática e cooperativa com o ouvinte/leitor para que a leitura se efetive e seja eficiente constitui uma chave para a EAD.

A **função fática** apresenta-se em *Memórias...* em passagens também dialógicas, em que o autor procura novas formas de "testar" a validade ou não de sua mensagem: "Nariz, consciência sem remorsos, tu me valeste muito na vida... já meditaste alguma vez no destino do nariz, amado leitor?" (2001, p. 74); "Podendo acontecer que algum dos meus leitores tenha pulado o capítulo anterior, observo que é preciso lê-lo para entender o que eu disse comigo, logo depois que Dona Plácida saiu da sala. O que eu disse foi isto: ..." (2001, p. 97-98); "Que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio; faço-o eu, a ciência me agradecerá. Se o leitor não é dado a esses fenômenos mentais, pode saltar o capítulo; vá direto à narração" (2001, p. 23). É certo que na linguagem da EAD a melhor maneira de se envolver a faticidade seria utilizar diferentes canais para confirmar a eficiência da

mensagem. No entanto, em *Memórias...* o autor utiliza com arte o recurso do questionamento direto ("... já meditaste alguma vez no destino do nariz...?") e da inferência ("Podendo acontecer que algum dos meus leitores..."). Ao fazer isto, testa a validade de sua mensagem com uma tranqüilidade como se dissesse: "Alô, esta me ouvindo?"

A **função emotiva** é também uma constante. São as sutilezas do contato com o leitor, que chega ser até afetivo: ele é a "alma sensível", o "fino leitor"; já meditaste alguma vez no destino do nariz, **amado leitor?**" (2001, p. 74 - grifo nosso); ou é o objeto dos cuidados do autor como em "Deus te livre, leitor, de uma idéia fixa" (2001, 20). Essa aproximação autor/leitor representa, no imaginário do leitor uma relação sensível, próxima, olho no olho, tão necessária para superar a distância na relação ensinante/aprendente na EAD. Mas é sobretudo a "arte de dizer" de Machado que organiza suas falas com singular competência que dá conta da função emotiva da linguagem, estabelecendo uma cumplicidade entre o emissor e o receptor.

Além das funções de linguagem, também as estratégias de linguagem usadas por Machado confirmam as afirmações de Gutiérrez e Prieto (1999), de que um texto "flui quando seu autor sabe narrar" e que isso se faz através das estratégias de linguagem colocadas em jogo. Esse jogo narrativo é o que prende, o que absorve, o que deleita e o que atrai: são os recursos da **narratividade** evidenciadas por uma construção harmoniosa mas descontínua. A monotonia do texto de Machado é quebrada por interrupções, rupturas e descontinuidades que o tornam ímpar na arte de narrar:

Capítulo LV
O velho diálogo de Adão e Eva
Brás Cubas
.....?
Virgília
.....
Brás Cubas

.....
Virgília
.....?
(2001, p. 79)

O autor tem consciência de sua estratégia de linguagem e a confirma: "O despropósito fez-me perder outro capítulo. Que melhor não era dizer as coisas lisamente, sem todos estes

solavancos! Já comparei o meu estilo ao andar dos ébrios" (2001, 95-96). Também na linguagem da EAD, as rupturas e o ritmo do texto garantem a sua eficiência, fazendo com que o ouvinte/leitor mantenha-se interessado.

Estabelece-se em *Memórias...* uma relação dialógica entre o autor e o leitor. A **dialogicidade** é presente em várias passagens do texto: "Mas, com a breca! Quem me explicará a razão desta diferença? (...) Quem me explicará a razão dessa diferença?"(2001, p. 80). Na EAD, a dialogicidade constitui o elemento que leva à reflexão, que faz pensar, que desafia a ir além e adiante no texto.

Por outro lado, Machado é mestre na arte de inferir as reações do leitor, estabelecendo uma relação com o mesmo, a partir de suas hipóteses: "Sinto que o leitor estremeceu - ou devia estremecer"(2001, p. 117); "Se a idéia vos parece indecorosa, direi que ele é o que eram as minhas refeições..."(2001, p. 96); "Não te arrependas de ser generoso; ..." (2001, p. 97). Estabelece-se assim uma relação de dualidade entre o autor e o leitor, mediada por uma relação hipotética, constituída de **inferências** sobre as reações deste. Inferir sobre os caminhos da leitura e sobre os caminhos do leitor possibilita na EAD, antever a própria seqüência do trabalho.

O leitor de *Memórias...* é sujeito dentro da obra; é um leitor que adquire vida dentro do texto. É o efeito da **personalização** que o torna presença na narrativa. Há passagens em que se tem a sensação de que o autor "pega" o leitor pela mão e o conduz para dentro da narrativa: "Triste capítulo; passemos a outro mais alegre" (2001, p.52); "Unamos agora os pés e demos um salto por cima da escola, a enfadonha escola, onde aprendi a ler..." (2001, p. 37); "Voltemos à casinha. Não serias capaz de lá entrar hoje, curioso leitor;..." (2001, p. 94). "Veja-nos agora o leitor, oito dias depois da morte de meu pai..."(2001, p. 74). Em outras passagens, o autor estabelece uma negociação com o leitor para encaminhar a seqüência da narrativa: "Mas, já que falei nos meus dois tios, deixem-me fazer aqui um curto esboço genealógico (...) Mas não antecipemos os sucessos; acabemos de uma vez com o nosso emplasto"(2001, p. 19-20).

A presença do leitor (receptor) dentro do texto de Machado, reafirma o exposto no Capítulo I: de que este recurso de linguagem se consegue através de formas verbais, de

pronomes pessoais e possessivos relacionados ao ouvinte. Em *Memórias...* esse recurso é largamente utilizado, tanto no uso de pronomes como através de formas verbais relacionadas ao ouvinte/leitor: "Veja o leitor a comparação que melhor lhe agrada..."(2001, p. 20); "Deus te livre, leitor, de uma idéia fixa..." (2001, p. 20); "E digo-lhos que, ainda assim, custou-me muito a brigar com Sabina"(2001, p. 72). Estabelece-se, assim, a diferença entre um texto impessoal e um texto vivo e empático, em que o leitor personaliza-se dentro do texto. Na EAD o leitor/aluno, presente no texto, garante uma relação viva, emocional, presente, mesmo entre ausentes.

Outra característica importante para a EAD percebida na obra de Machado é a **presença do narrador** no texto. A narração é feita em 1ª pessoa: "Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias..."(2001, p. 17); "E vejam agora com que destreza, com que arte faço eu a maior transição deste livro" (2001, p. 29). Em *Memórias...* o narrador não é onisciente, sendo aquele que tudo vê e que tudo sabe. Ao contrário, o texto é repleto de espaços vazados, que permitem a reflexão do leitor, que permitem a inserção, o aprofundamento, a imaginação... Essa estratégia de linguagem na EAD oportuniza a aproximação entre professor e aluno.

2.2 - Estratégias e funções de linguagem em *Ilha das Flores*

Ilha das Flores, filme da categoria curta-metragem, de Jorge Furtado, produzido em 1989, foi ganhador do Festival de Cannes, França, no início dos anos 90. É um misto de documentário com o imaginário do autor, apresentando de forma singular, aspectos do cotidiano, dando **narratividade** ao texto. Inicia apresentando cenas do cotidiano de uma cidade como produzir e comercializar tomates, vender perfumes, ir ao supermercado, comprar tomates, preparar o almoço, jogar um tomate que não estava bom no lixo. A partir daí, desencadeia-se uma seqüência de relações que vão chegar ao lixão da cidade, localizado na "Ilha das Flores", onde catadores disputam o lixo com os porcos. O diferencial da linguagem é o encadeamento das idéias, como se fossem janelas explicativas,

para cada conceito, janelas essas permeadas de reflexões, apoiadas na linguagem oral e visual. Instala-se, assim, uma cadeia de relações, utilizando-se os recursos da história cumulativa³. Essa estratégia de linguagem possibilita o conhecimento em rede⁴.

A **função fática** da linguagem é apresentada através de uma seqüência de fatos tecidos num encadeamento de conceitos e de imagens com repetidas retomadas das idéias-chave: o tomate, o porco, o lixo, os seres humanos, catadores de lixo, compõem a temática do filme, num constante ir e vir de conceitos, palavras e imagens... Essa "recapitulação" pode apoiar o texto de EAD porque fixa, retoma, revisa.

Quanto à temática do filme e quanto à estrutura da linguagem, é marcante o tópico da narrativa que diz "...aquilo que é considerado impróprio para os porcos, serve para os seres humanos...", "... os seres humanos que pegam os alimentos julgados inadequados para os porcos são muitos; sem dinheiro e sem donos..." numa relação com o "dono" dos porcos, dono dos homens... O que é ser livre? É não ter dono?

Em relação à idéia de liberdade, há um encadeamento fático "...o que diferencia os seres humanos dos animais é o fato de serem livres...". A partir daí, conceitua liberdade, parafraseando Cecília Meireles em "Romanceiro da Inconfidência": "Liberdade é o estado daquele que é livre. É o sonho que o ser humano alimenta: que não tem ninguém que explique e nem ninguém que não entenda".

A linguagem fática é usada também, para fazer ligações entre os termos, explicitando melhor as idéias que se pretende abordar. As múltiplas linguagens cinematográficas são utilizadas para deixar a narrativa mais elucidativa, mais clara, mais leve: em tom coloquial. Esta é uma estratégia de linguagem que reforça a EAD, salientando-se importância da função fática como elemento de aproximação com o aluno.

O som, a imagem e o tipo de linguagem usadas dão leveza ao texto, apesar da dura realidade social que encerra. O som e as imagens são ajustados para proporcionar melhor

³ A história cumulativa é muito usada na Literatura Infantil e consiste em repetir os eventos, sempre acrescentando um elemento a mais no final.

⁴ O conhecimento em rede diz respeito a Teoria de Gérard Vergnaud, dos campos conceituais ou redes conceituais. GEEMPA, 1997.

compreensão ao interlocutor que, apesar de não estar presente no texto, está implícito como receptor da mensagem.

Os gestos, as imagens de seres humanos, de materiais e de animais cumprem a finalidade para a qual foram pensados: não de seduzir, mas de convencer o receptor sobre a falta de humanidade dos humanos e sobre as diferenças (ou semelhanças) sociais dos humanos em relação aos animais. Caracteriza-se assim, a **função conativa** da linguagem, elemento valioso na EAD, uma vez que é preciso dar credibilidade aos textos para que o estudante "se convença" da sua validade.

Ainda quanto à função conativa, o autor utiliza, no início do filme, uma linguagem desprezenciosa, entrando, paulatinamente, nas questões de sustentação do texto como se fosse tocando num ténue fio do enredo. Aos poucos, porém, vai entrando no assunto com as intencionais ligações de termos e de conceitos, que vão transformando esse fio num tecido coeso e forte, dando ao leitor os ingredientes para as múltiplas idéias nele contidas.

A **função emotiva** fica muito mais por conta da mensagem do que propriamente pela linguagem. No entanto, são com essas estratégias, com os recursos de um texto eclético (audiovisual), que o autor consegue, num crescendo, levar à emoção, até com um certo gosto de lágrimas. A comparação entre o homem e o porco e a conclusão de que os porcos estão acima dos homens na disputa pelo lixo, deixa, no leitor, um gosto amargo de lágrimas contidas ou não.

Por outro lado, em *Ilha das Flores*, a característica fundamental da obra é a presença do **estilo coloquial** instituído por Jorge Furtado a partir de então. Esse estilo rápido, didático, passou a fazer parte da linguagem da televisão. O encadeamento de idéias dando um carácter explicativo, constitui elemento valioso na EAD, uma vez que constrói um imagem audiovisual com uma simbologia de fluência textual, próxima da fala.

São caminhos que conduzem a profundas reflexões, onde temas como escravidão e liberdade dividem espaço com a questão do poder econômico e das injustiças sociais, numa ciranda de idéias que fluem de forma inusitada, rompendo com o tradicional, numa composição singular que a **narratividade** consegue construir e tornar atrativa. Trata-se de

um jogo de linguagem que se serve de termos comuns para tratar de assuntos de grande complexidade. Essa dinâmica da linguagem cinematográfica, deve permear os textos de EAD, pois rompendo-se com a monotonia e com a logicidade expressiva, o texto torna-se mais atrativo e mais dialógico.

No filme, as imagens do cotidiano de uma categoria de seres humanos desprovidos de renda (e de liberdade), deixa margem para reflexões sobre a vida e sobre a liberdade. Estabelece-se aí, a conexão para a **dialogicidade**: para o pensar dialógico.

Isso tudo é apresentado numa linguagem simples, em **estilo coloquial**, mas colocada no momento certo, com a intenção de chocar o interlocutor que percebe, através da força da palavra, um retalho da realidade do seu cotidiano que está aí, bem ao lado, com toda a crueza que a realidade possa conter. É uma linguagem em conta-gotas, que no final transborda numa imensa verdade: homens e porcos.

A clareza e a simplicidade da linguagem resguarda nas recorrências de expressão e de conceitos, as recomendações expressas por Gutiérrez e Prieto (1999), tais sejam: a retomada de conceitos através da repetição de idéias-chaves como a presença, em diferentes momentos, da expressão "telencéfalo altamente desenvolvido e o polegar opositor" para conceituar ser humano; definição de palavras "técnicas" como "... japonês é um ser humano de olhos puxados e cabelos pretos..."; uso de frases e narrações curtas, onde cada conceito é enunciado de forma rápida como "...lixo é o excedente..."; utilização das frases em ordem direta como "... ser humano é ..."

A linguagem como um todo em Ilha das Flores, apesar de direta, simples, coloquial, constrói uma grande metáfora acerca da vida humana e da liberdade e nisto reside a beleza da expressão.

O ritmo dinâmico do texto atrai a atenção e permite que a decodificação da mensagem que o permeia, chegue ao receptor com toda a força da seqüência narrativa, provocando o interlocutor a perceber nuances que evidenciam a estrutura profunda do texto (escravidão *versus* liberdade). Por outro lado, cada novo olhar possibilita novas leituras. Além disso, a própria estrutura do filme, que vai da amenidade à crueza da realidade. "do

vender perfume ao catar lixo", "do conceito de ser humano ao conceito de porco", constitui o inusitado, rompe com o lógico e com o formal.

Numa outra forma textual, sem esse tipo de linguagem, certamente o impacto do tema abordado não seria o mesmo. Na linguagem fática utilizada pelo autor, foi cumprida a função de informar, de sensibilizar, de despertar e de desacomodar. O receptor sente um certo desconforto: um misto de tristeza, de piedade e de vergonha. Será o efeito da linguagem? Será a função emotiva, construída de forma tão magistral, que gera a emoção não pela simples emotividade, mas sim pela organização dos códigos de forma original e inusitada?

Neste sentido, a linguagem da EAD seria deveras eficiente se, como em Ilhas das Flores, causasse impacto, levasse à reflexão, quebrasse a monotonia, fosse coloquial, dinâmica, dialógica, convencesse o leitor e, sobretudo preservasse os elementos da função emotiva da linguagem, utilizando os recursos da arte expressando sentimentos, enfim, sensibilizando, dizendo coisas indizíveis...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem é a forma de comunicação humana por excelência. A sua importância em qualquer processo de comunicação é indiscutível.

Na Educação a Distância, a linguagem exerce um papel fundamental porque, além dela, só a intenção do professor e a vontade do estudante movem o processo ensino-aprendizagem. Logo, a linguagem é a responsável pela interconexão que move essas vontades. É o elemento mediador entre o autor (professor), texto (escrito, audiovisual, midiático) e leitor (aluno). Entende-se por leitor não só aquele que decodifica mas, sim aquele que produz sentidos para o texto.

Ao se apontar algumas características e funções de linguagem que se julga mais significativas para a Educação a Distância, encontrou-se, com o respaldo teórico de Vygotsky, a consolidação da importância da mesma para o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que ensinar-aprender envolve o pensar, e pensamento e linguagem são indissociáveis.

Por outro lado, as linguagens se produzem pelo processo sócio-histórico, definido por Vygotsky como o propulsor do processo de ensino e aprendizagem. Nessa interação social, as linguagens vão se constituindo, se redefinindo, acompanhando a dialética da história, mas sempre servindo ao seu fim: o de comunicar. Estudar, descobrir novas e, principalmente, ressignificar antigas formas de linguagem que ligam emissor/autor e receptor/leitor separados geograficamente, foi o propósito deste trabalho e, concluiu-se, que a comunicação e, sobretudo, a interlocução, não é uma questão de geografia mas, sim, de linguagem.

A confirmação da eficiência da comunicação, através das inúmeras passagens elencadas no capítulo II, demonstrou que a linguagem de Machado de Assis, utilizada no texto *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, possui características e cumpre funções de linguagem indispensáveis aos textos de EAD. Isto evidencia a atualidade de sua obra e comprova quão eficiente foi, e continua sendo, o processo de comunicação estabelecido entre ele e seus leitores. Seus textos nos dão lições valiosas da eficiência comunicacional, imprescindível na linguagem de EAD, especialmente nos textos escritos.

Muito mais há na linguagem de Machado que nos dá lições de linguagem em EAD. Aqui se procurou apresentar uma amostra. São as lições de um mestre que muito tem ainda a ensinar, mesmo para um novo momento e para uma nova forma de ensinar e aprender.

Ilha das Flores é um texto contemporâneo que, embora não pensado para a EAD, encerra em sua eficiência comunicativa, as características da linguagem de EAD. O recurso das relações conceituais expressas como se fossem "janelas" explicativas, pode adequar-se como recurso de linguagem específica para a EAD, tanto no texto escrito, como nos textos dos modernos meios de comunicação.

Os dois textos analisados têm enredos criativos, geniais. No entanto, é inegável o papel que a linguagem assume como fator de comunicação: em Machado para manter a atenção do leitor em um enredo cujo desfecho já se apresenta no início da obra (um "morto" contando acontecimentos ao longo de sua vida - que termina com sua morte); em Furtado com os pequenos sobressaltos que levam à conclusão final e insofismável (seres humanos que estão aquém dos animais).

Não se postula tanto uma nova linguagem mas, se requer, sobretudo, uma linguagem ressignificada, com características, estratégias e funções específicas. *Memórias ... e Ilha das Flores* não são textos novos, pelo contrário, são textos que apresentam uma linguagem clássica e que se presta para todos os tempos e para diferentes formas de ensinar e aprender, inclusive para a Educação a Distância

BIBLIOGRAFIA

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Martin Claret, 2001. 182 p.

AZEVEDO, Wilson. "Muito Além do Jardim de Infância. O desafio do preparo de alunos e professores online". *Revista Brasileira de Educação a Distância*, ano 6, nº 36, setembro/outubro 1999. Publicado também nos anais do VI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Educação a Distância, agosto de 1999. [.http://www.abed.org.br/paper_visem/wlson_azevedo.htm](http://www.abed.org.br/paper_visem/wlson_azevedo.htm)

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa/ Portugal: Edições 70 LDA. 229 p.

BELLONI, Maria Luiza. *Educação à Distância*. Campinas, SP: Autores Associados, 1999. 115 p.

BENINCÁ, Elli. Prática pedagógica da sala de aula: princípios e métodos de uma ação dialógica. *Ética e diálogo na prática pedagógica universitária*. Universidade de Passo Fundo (org). Passo Fundo: UPF, 2000. 32 p.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BRAM, Joseph. *Linguagem e Sociedade*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1968. 120 p.

CHALHUB, Samira. *Funções da Linguagem*. São Paulo: Ática, 2001. 63 p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000. 134 p.

GUTTIERREZ & PRIETO, Francisco e Daniel. *A mediação Pedagógica: Educação a Distância Alternativa*. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

ILHA das Flores. Direção: Jorge Furtado, 1989.

MEC. Plano Decenal de Educação Para Todos. Brasília, 1993.

MORAES, Maria Cândida. *O Paradigma Educacional Emergente*. Campinas, SP: Papirus, 1997.

POSSARI, Lúcia Helena V. Comunicação e Informação em EAD. In: MARTINS, Onilza Borges e POLAK, Ymiracy Nascimento de Souza. *Educação a distância na UFPR: novos caminhos e novos rumos*. 2 ed. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

REGO, Tereza Cristina. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SANTOS, Maria Lêda Lóss dos. *Descompassos da Modernidade: prática leitora em diferentes tipologias textuais e diferentes linguagens*. Trabalho apresentado à Disciplina Leitura e Tipologias Textuais do Curso de Especialização em Leitura: Teoria e Prática. Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo. 1997, 30 pp. (mimeo).

SANTOS, Maria Lêda Lóss dos. Interesses de Leitura de Jovens e Adultos Desescolarizados. In: RÖSING, Tania M. K. (Org.). *Da violência ao conto de fadas: o imaginário, meninos de rua, meninos de escola e adultos desescolarizados*. Passo Fundo: EDIUPF, 1999. 192 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Sistema de Bibliotecas. *Normas para apresentação de Trabalhos Científicos 2*. Curitiba: Ed da UFPR, 2001. Pt. Teses, dissertações, monografias e trabalhos acadêmicos. 42 p.

VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 168 p.

_____. *Pensamento e Linguagem*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 194 p.